

frequentemente, ver transgredida uma fronteira que, na realidade, o não é. Nesse sentido – e daí o desafio crítico lançado por este último capítulo –, conclui-se que metalepse não existe a não ser como ficção. Por isso, defende-se (e através dela se defende) a existência da ficção, das suas fronteiras, e não o seu desaparecimento ou esbatimento.

É, então, nesta conclusão-síntese, decorrente da síntese global sobre as teorias da ficção desenvolvida, com sólido rigor, ao longo obra, que reside um dos trunfos teóricos primordiais de *Fait et fiction*, sendo certo que, não só o volume extenso de leituras representado, como a atualidade e diversidade do *corpus* ou, ainda, o âmbito interdisciplinar da reflexão, compensam, em larga medida, a hipotética fragilidade de uma ligação umbilical à narratologia francesa de que a autora não se desvincula na medida em que mostra, explicitamente, (re)conhecer a outros universos críticos. Apenas desse modo se consegue propor a substituição da questão “o que é a ficção” pela questão “onde está a ficção” – afinal a questão que motiva as reflexões e narrativas dos teóricos franceses, norte-americanos, japoneses, nos nossos dias; a questão que, porventura, decorre de uma original contaminação da teoria pela ficção.

Marta Teixeira Anacleto
FLUC/CLP

DOI: http://dx.doi.org/10.14195/2183-847X_6_24

MARIA JUDITE DE CARVALHO: PALAVRAS, TEMPO, PAISAGEM

Paula Morão, Cristina Almeida Ribeiro (orgs.)

V.N. Famalicão, Humus, 2015.

189 páginas, ISBN: 9789897551765

O volume, dedicado à obra de Maria Judite de Carvalho, reúne quinze breves ensaios que respondem, sem grandes derivações, à proposta temática do colóquio que lhe deu origem: *Palavras, Tempo, Paisagem*. Ao homenagear a autora (nos 50 anos de *As Palavras Pou-padas*), não houve a tentação laudatória mas sim, como é desejável, uma avaliação da obra a partir de perspetivas teóricas e interpretativas atuais.

Maria Judite Carvalho (1921-1998) é uma autora sempre mencionada mas pouco lida hoje, apesar da recanonização das escritas femininas; discreta, sem afrontar notoriamente os costumes, teve menor impacto na cena literária do que outras escritoras da sua geração. Não deixa por isso de ser uma voz expressiva no quadro da modernidade que foi a sua – a dos vibrantes anos 60, vividos num país conservador e cerceado na dinâmica cultural. Talvez por consciência aguda dessas limitações a sua ficção seja impregnada por uma certa negatividade melancólica, que se traduz em temas e figuras recorrentes, como o confinamento intelectual e afetivo da mulher burguesa.

A preferência pela forma breve (novela, conto, crónica) não retira grandeza literária à obra de MJC: pelo contrário, é um fator de coerência

semântica, quase um imperativo da sua escrita. Como assinala Helena Buescu no texto de abertura (“O espírito do colecionador”), vida e escrita participam da mesma rarefação e sentido do efêmero que se representa melhor por justaposição de pequenos episódios, soltos, sim, mas não desprovidos de organicidade: faz parte da sua poética «a ideia (verdadeira) de que de algum modo estamos sempre a ler uma mesma história» (p.16). A mesma ideia é reiterada por outros autores, como Cristina Almeida Ribeiro – que analisa as fronteiras porosas entre a crónica e o microconto, género sempre latente na cronística de MJC –, J. Silveira e Pedro Serra – este último sugerindo a pulverização do género romanesco em miniaturas de romances virtuais. Em qualquer dos géneros, um mesmo sentido analítico exprime os temas recorrentes (a alienação urbana, a solidão, o desencanto do progresso mecanizado e consumista...) confluindo na denúncia de um falso bem-estar burguês. Pode portanto acrescentar-se que em muitas narrativas não há verdadeira alteridade no universo ficcional de MJC, pela contiguidade manifesta com a voz autoral.

São sobretudo vozes e olhares de mulheres desencantadas os que dão expressão ao discurso ficcional juditiário. Vários autores do volume (Isabel Cristina Rodrigues, Joana Marques de Almeida, e.g.) analisam precisamente a clausura e a incomunicabilidade das personagens femininas enquanto desadequação ao mundo envolvente mas

também como forma de protesto ou de recusa em saírem de si mesmas. O problema da relação com a alteridade, o aprisionamento do ser humano num espaço distópico, seja ele físico ou mental – no limite, o carácter intransitivo da própria linguagem – percorre toda a narrativa da escritora, inclusivamente a de teor neofantástico, como observam Ana Filipa Prata e José Nobre da Silveira a propósito da singular coletânea *Os Idólatras*.

A função cognitiva do olhar é outro dos aspetos abordados em vários dos textos referidos, principalmente nos que se detêm no âmbito discursivo da crónica: a janela como figura da imaginação visual em Pedro Serra, ou as estratégias fotográficas e fílmicas, analisadas, respetivamente, por Carina Infante do Carmo e Mário Jorge Torres. No texto intitulado “Intermitências do olhar e da voz em MJC”, também M. Graciete Silva fala de “vocalização ecfástica do discurso”, neste caso incidindo nas personagens ficcionais.

O volume termina sob o signo da melancolia, sentido englobante da obra da autora de *Tanta Gente Mariana*. Depois de uma proposta de leitura elegíaca por José Manuel Esteves, a partir deste romance, que também inspira a reflexão de M. Graciete Besse sobre a representação do “corpo sofredor”, António Manuel Ferreira assinala o realismo melancólico nos contos, “propiciador de uma visão do mundo desapiedada, isto é, repulsora de quaisquer panaceias eufemísticas” (p.175); e

Paula Morão estuda-o na poesia, marcada por uma concepção decetiva do mundo e da vida: no livro póstumo *A flor que havia na água parada*, a autora surpreende com um lirismo depurado, moderno, embora subtilmente ancorado na melhor tradição nacional.

A crítica dos anos 70 e 80 (como lembra o texto de Ruth Navas) já tinha sublinhado aspetos inovadores na escrita de MJC, afastando-a da retórica moralista predominante nos neo-realistas seus contemporâneos. A obra agora

publicada prossegue em geral essa linha analítica, ao privilegiar a matéria textual em *close reading*. Trata-se, por conseguinte, de um bom volume de ensaios críticos, que contribui para reconfigurar a modernidade da autora de *As Palavras poupadas*. Apesar de alguma monotonia nas escolhas temáticas, é de registar a coesão conseguida, oferecendo um conjunto de leituras que se interligam e se completam, mantendo um discurso crítico de inegável qualidade.

Maria Helena Santana

DOI: http://dx.doi.org/10.14195/2183-847X_6_25